

ENTRE ESTEREÓTIPOS E RESSIGNIFICAÇÕES: A MULHER NEGRA NA MÚSICA *BANHO DE BEIJOS*, DA BANDA REFLEXUS

Sara Rogéria Santos Barbosa ¹

INTRODUÇÃO

Representar é poder. Da mesma forma que narrar a história de um povo pode tornar aquela a única história sobre ele, como bem salienta Chimamanda Adichie em *O perigo de uma história única* (2009), a representação também é poder na medida em que aquelas adjetivações podem ser tidas como enquadramentos essencialistas que limitam toda e qualquer pessoa pertencente àquele grupo às representações que lhe foram atribuídas. Isso fica óbvio quando identifico a representação de determinados sujeitos/personagens nas novelas, nos jornais e em textos literários, sendo este último o principal objeto de minhas reflexões acerca do tema.

O texto literário é o meu *locus* confortável de análise, posto que não tenho dúvida sobre o que ele é, como se organiza ou como pode ser analisado, ainda que por vieses diferentes de acordo com as correntes escolhidas por quem pesquisa. No entanto, não será o texto literário em prosa ou em verso que se presentificará neste estudo, mas trago dele a narratividade, a poesia, a história e as vozes presentes em um outro gênero que, por vezes, senta à mesa com a literatura e se irmana com ela: a letra da canção. São as representações femininas nas letras das canções que me interessam, sobretudo aquelas que foram popularizadas nos anos finais da década de 80 e início dos anos 90, período de grande visibilidade midiática nacional dos blocos e trios de *axé music* da Bahia.

Importa notar, portanto, que a canção é, sobretudo, um “vetor estético de representação existencial, produto cultural que trabalha com a transfiguração do real, na tradução continuada de um capital simbólico coletivo” (Cyntrão, 2014, p. 47), podendo ser percebida nela a “multiplicidade da expressão poética contemporânea”. Nesse sentido, ela se torna importante enquanto gênero textual, uma vez que, ultrapassando a barreira do texto impresso, a voz do eu lírico encontra eco nas vozes dos ouvintes, fazendo-se materializar nas ruas, casas, ajuntamentos culturais e colaborando na construção/invenção de uma memória coletiva que provoca saudade de um tempo que não foi vivido pelo saudoso e mesmo assim ele se vê positivamente representado.

¹Doutora do Curso Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia-UFBA, sararogeria@academico.ufs.br

A construção/invenção dessa memória urge por locais de história, por assim dizer, para que seja ativada e leve o sujeito à reflexão de seu passado. Para Nora (1993, p. 18), a memória “obriga cada um a relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”. Aqui, narrativa e poesia presentes nas letras das canções cumprem papel intermediário pelo qual a história será contada e a memória coletiva, então, ativada (Barbero, 1997). Assim, compreender como as mulheres negras são representadas nas músicas nascidas nas comunidades e por elas consumidas é fulcral para identificar como essas canções, tão caras quando se pensa na valorização étnico-racial negra, ao tempo em que provoca sentimento de pertencimento e resgate das culturas e histórias negras, elaboram as representações femininas em seus versos.

É justo afirmar, nesse sentido, que “a cor de um indivíduo nunca é simplesmente uma cor, mas um enunciado repleto de conotações e interpretações articuladas socialmente, com valor de verdade que estabelece marcas de poder, definindo lugares, funções e falas”. (Martins, 1995, p. 35). Assim, este trabalho objetiva analisar as representações femininas negras presentes na música *Banho de beijos* (Serpente Negra/1988) da Banda Reflexus, grupo que fez sucesso nos finais dos anos 1980 e início dos anos 1990. A escolha se deu pelo fato de a letra dessa canção apresentar material suficiente para uma análise acerca da representação identitária étnico-cultural da mulher negra e se os discursos ali presentes emulam o que já é posto pela sociedade ou se rasura tais enquadramentos.

Para Kathryn Woodward (2014, p. 8), “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior”, então, é a partir disso que analiso a importância que a representação tem nas relações com o estar no mundo e entendo que ela é essencial para compreender as representações negras femininas na canção acima elencada e se ela reproduz ou rasura os enquadramentos orientados sobre esses corpos que, quando não são sexualizados, são vistos como úteis para o serviço.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Neste estudo, ao definir o procedimento metodológico baseado na pesquisa bibliográfica acompanhada da análise de conteúdo, lancei mão dos pressupostos alicerçados na literatura comparada, já que ela se apresenta também como um método de pesquisa e tem na tematologia seu instrumento de análise conforme nos asseguram Tânia Franco Carvalhal (2006), Pierre Brunel (1983), Claude Pichois e André Michel Rousseau (1983) e Manfred Schmeling (1984),

uma vez que estabelece parâmetros sobre os quais o pesquisador analisará suas fontes, consolidará seu *corpus* e construirá seu texto.

Para Brunel (1983), o método temático apoia-se na identificação dos temas recorrentes nos textos pesquisados a fim de estabelecer, a partir da comparação, parâmetros para a análise. Depreendemos, do que falam esses teóricos, que à tematologia unem-se o método histórico, a estética da recepção, análise de discurso e outros a fim de “explicitar teoricamente suas tarefas e, ao fazê-lo, mostra-se aberta para a variedade de formas e de suas maneiras de compreensão” (Schmeling, 1984, p. 30). Após a discussão teórica, partimos para análise dos discursos utilizados para representar essa mulher negra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analiso representações da mulher negra presentes na letra da canção, sua performance, agência e as diferenças que se estabelecem a partir de quem apresenta o discurso. Isso posto, levo em consideração a apresentação das identidades étnicas e de gênero, quais aspectos de composição dessas identidades são acionados, a negação da negritude quando o discurso aponta para afetividades, sensualidade e sexualidade, e como são tensionadas essas questões. De antemão, há certa recorrência em colocar a mulher como objeto das ações e não como sujeita delas quando a pessoa do discurso é masculina. Para além disso, há um forte discurso de embranquecimento de corpo associado às afetividades. Poucos são os momentos em que essa mulher é apresentada como negra, ativa, sujeita das ações que coordena ou a ela são direcionadas. Saliento que nenhuma composição foi feita por mulheres, então, nesse sentido, refiro-me única e exclusivamente a como o discurso se apresenta. Vamos, então, à análise

Banho de beijos²

Oh! Estrela turquesa azul, pétalas de jasmim
Abusando do meu querer pondo fogo em mim
Oh! Estrela turquesa azul, pétalas de jasmim
Abusando do meu querer, pondo fogo em mim
Morena, eu já mergulhei nos teus cabelos
Quem sabe agora desvendo os teus segredos
Uhuuummm vem cá!
Que eu quero te dar um cheiro minha flor
Me lança, tua fragrância, me mata de amor
Vem cá, Bailaaar!
Vem roçando teu corpinho em mim
Que eu te banho com beijos
Do princípio ao fim

² Banho de beijos – faixa 05 de Serpente Negra. Compositor Julinho Cavalcanti. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9ZjHuz5Oupg&ab_channel=MoacirSimpatia

Que eu te banho com beijos
Do princípio ao fim
Que eu te banho com beijos
Do princípio ao fim
Uhuuuuu

Primeiramente existe uma voz que enaltece essa mulher comparando-a a várias coisas boas e singelas, para não dizer frágeis: estrela turquesa e pétala de jasmim. Ao mesmo tempo em que é vista como algo frágil, é capaz de incendiar este homem – aqui suponho ser masculina a voz do enunciado. “Oh! Estrela turquesa azul, pétalas de jasmim \Abusando do meu querer, pondo foga\za\zo em mim”. Esses versos são atravessados por erotismo que não fica nas entrelinhas, não supõe, ele diz. Para Lorde (2019, p. 71), o erótico pode operar de vários jeitos “e a primeira delas consiste em fornecer o poder que vem de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa. [...] Outra maneira importante por meio da qual a conexão com o erótico opera é ressaltar de forma franca e destemida a minha capacidade para o gozo” (Lorde, 2019, p. 71).

As observações trazidas por Lorde vão na contramão e colocam a mulher como sujeita dessa agência. Para ela (2019, p. 67), “o erótico é um recurso intrínseco a cada uma de nós, localizado em um plano profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados”. Acreditou-se, durante muito tempo, que o gozo era uma prerrogativa que cabia apenas ao homem, cabendo à mulher tão-somente garantir que isso ocorresse. Depois de elogiar essa mulher, de dizer como ficará em seus braços, de ser servido por ela, o homem nos diz o que deseja: desvendar os segredos daquela mulher. Quais segredos seriam desvendados no momento na cama? O enunciador revela, portanto, seu intento em prolongar o momento de intimidade em que só ele aparece como alvo das ações. Ela está ali para satisfazê-lo.

Na sequência, levando em consideração o que diz Lorde, o discurso extrapola o erótico, não no sentido pejorativo do termo, mas no desvelar do que se fez, faz-se ou se pretende fazer. Assim, quando o homem diz que “Vem roçando teu corpinho em mim\Que eu te banho com beijos\Do princípio ao fim” ele não está sendo metafórico. A mulher e seus desejos são, então, suprimidos e há apenas a procura pelo gozo masculino enquanto a mulher é silenciada em seus desejos. Apesar de certa diferença entre as representações masculina (o descobridor de segredos, o que sabe dar prazer à mulher, o que deve ser servido) e feminina (a fogosa, a que sacia os desejos do homem, a que serve) trazidas no texto, fica evidente a necessidade de embranquecer a mulher negra. A morenica é registrada quando a música sugere uma

performance feminina em cujos cabelos o homem já havia mergulhado - “Morena, eu já mergulhei nos teus cabelos” - marcando a leitura social feita dela: ela não é negra de pele escura.

Souza (2017), quando trata da escrita literária de mulheres negras, diz das possibilidades diversas de representação que elas acessam e por isso afirma que tal percepção da teórica também se estende à composição musical uma vez que se trata da escrita das subjetividades que atravessam essas mulheres e, por analogia, as vivências de várias outras. Nesse sentido, letras que apresentam representações da mulher negra possivelmente teriam outros vieses uma vez que tanto a cor da pele quanto os sentidos que os discursos identitários encerram têm sido “tematizados por uma série de poetas negras enfatizando as suas várias possibilidades de representação. Seja para explicitar marcos históricos como os quilombos, seja como expressão do orgulho de pertencimento” (Souza, 2017, p. 28).

Para Lorde (2019, p. 53), as questões voltadas às diferenças raciais distorcem as visões e acabam por colocar as mulheres negras em uma situação dicotômica: “as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo”. Ler essas várias tentativas de dizer da cor da mulher corrobora com a afirmação de Lorde tanto na citação acima quanto no que ela diz ser o aspecto que nos torna ainda mais vulneráveis: a negritude. Apesar de a letra da música ser entremeada por versos que apontam para ações carinhosas, insinuantes, o que pode ser depreendido dos discursos presentes na letra aqui analisada é a necessidade de a mulher agradar esse homem, ser uma mulher morena, sedutora e cortejada para a dança e, consequentemente, para o sexo. É um corpo personificado que se move no espaço muda, calada, servil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se vê, o poder de dizer de suas identidades não fortalece apenas o próprio sujeito, mas outros e outras ao seu redor na medida em que se reconhecem naquelas identidades que estão sendo expostas positivamente. No caso da mulher negra isso se mostra ainda mais forte porque, estando em um lugar de invisibilidade que atinge não apenas suas características físicas, mas suas relações afetivas, suas ações dentro do corpo social, ter suas identidades pautadas positivamente gera solidariedade, identificação, fortalecimento.

Urge que haja mudanças nessas representações da mulher negra e creio que um caminho possível é que mulheres negras sejam escritoras de si e de suas ações, como salienta Souza em uma de suas discussões acerca da escrita literária por mulheres negras. Outra coisa importante é a compreensão das relações de poder estabelecidas pela branquitude, sejam elas de classe,

gênero ou raça. Somos atravessados por discursos colonizadores e, vez ou outra, acabamos por reproduzi-los como visto na letra aqui analisada quando o tema sai da luta de forma geral e foca na participação feminina na construção da história e da memória do povo negro no Brasil. Descolonizar esses discursos é uma ação para ontem.

Palavras-chave: Representações femininas; Discursos identitários; Literatura Negra; Música popular.

REFERÊNCIAS

- BRUNEL, Pierre; PICHOIS, Claude; ROUSSEAU, André Michel. **Que é literatura comparada.** São Paulo: Perspectiva, 1983.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada.** São Paulo: Ática, 2006
- CYNTRÃO, Sylvia H. A redefinição continuada do lugar da canção popular na cultura contemporânea. **Revista Crítica cultural**, Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 47-55, jan/jun 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.
- SCHMELING, Manfred. **Teoria y praxis dela literatura comparada.** Barcelona: Editora Alfa, 1984.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em 04 de set. 2012.
- SCHMELING, Manfred. **Teoría y praxis de la literatura comparada.** Barcelona: Editora Alfa, 1984.
- SOUZA, Florentina. **Mulheres negras escritora** – Black women whiter. Revista Crioula, n. 20, 2º semestre, 2017. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840>. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.